

Volto a resumir o caminho até agora percorrido para depois retomar o fio da meada: aquilo que a tradição ocidental chama de "pensamento", ou "espírito", afigurou-se, sob nossa análise, como o campo no qual ocorrem palavras organizadas de acordo com certas regras. Essas regras são a estrutura do campo, são como que linhas imaginárias ao longo das quais palavras ocorrem. Podemos distinguir, grosso modo, três tipos de campo, isto é três estruturas ao longo das quais palavras ocorrem: o flexional, o aglutinante e o isolante. No campo flexional palavras ocorrem em estruturas chamadas "frases" que têm a forma predicativa, isto é aquela "Gestalt" chamada "projeto". Considerando um pouco mais de perto essa forma da frase, verificamos que ela consiste de três grupos de palavras. O primeiro se agrupa em redor de um nome e é chamado "sujeito", o segundo em redor de um verbo e é chamado "predicado", e o terceiro em redor de um nome e é chamada "objeto". Nomes e verbos são como que tijolo da frase, e as demais palavras são como que a argamassa. Para distinguir tijolos da argamassa, podemos dizer que nomes e verbos são palavras referentes, e as demais são palavras estruturais, ou já que a estrutura do nosso campo é chamada "lógica", são palavras lógicas. A frase é um projeto que projeta verbos de nomes para nomes pelo declive predicativo chamado "discurso". No cume de todo discurso está um nome próprio que é o primeiro sujeito de todo discurso. Os demais nomes que ocorrem no discurso são nomes de classes. Os nomes de classe são resultado da predicação de nomes próprios e referem-se a estes. O significado de nomes de classes são nomes próprios, e é neste sentido que são palavras referentes. Os nomes próprios referem-se a algo pré-linguístico que podemos chamar com qualquer termo, por exemplo "vivência", ou "vir-a-ser" ou "nada". Para podermos enquadrar o nosso argumento no conjunto da filosofia existencial, resolvemos chamar aquilo ao qual nomes próprios se referem de "nada". O significado dos nomes próprios é nada, e é neste sentido que nomes próprios são palavras referentes. Os verbos estabelecem relações entre nomes, isto é estabelecem aquilo que o neopositivismo chama de "Sachverhalt" (relação objetiva) e o existencialismo chama de "Bewendnis" (situação de fato). O significado dos verbos é a situação, e neste sentido são palavras referentes. As palavras lógicas são como que detritos de verbos que se referem a situações já estabelecidas. Garantem portanto o fluxo do discurso, já que ligam as frases entre si em elos chamados "argumentos". Não são, neste sentido, palavras referentes. Todas palavras são símbolos, isto é entidades que significam algo, isto é apontam para algo e substituem algo. Palavras lógicas são símbolos do discurso, verbos são símbolos das situações estabelecidas pelo discurso, nomes de classes são símbolos de nomes próprios, e nomes próprios são símbolos do nada. O conjunto de todos os símbolos é chamado "língua". O pensamento como campo no qual ocorre língua é significativo. Diversos tipos de frases podem ocorrer nesse campo significativo. Frases que consistem de verbos que estabelecem os nomes em situações discursíveis serão chamadas frases "certas". Frases que contêm verbos que estabelecem os nomes em situações cujo discurso continuado conduz a uma situação indiscursível, que fazem portanto parar o discurso, serão chamadas "erradas". Por fim ocorrem frases nas quais os verbos não estabelecem os nomes em situação, e estas serão chamadas "insignificantes". O discurso pode ser encarado como aquele processo que distingue entre frases certas e erradas, e elimina as frases erradas. Frases insignificantes não fazem propriamente

te parte do discurso, já que infringe de uma forma ou outra as regras do campo. Não são propriamente pensamentos, mas são aquilo que o logicismo e a cibernética chama de "ruído" e o existencialismo de "conversa fiada". Como eliminação desses ruídos pode o discurso ser considerado um processo informativo e oposto à entropia. Como eliminação de frases erradas pode o discurso ser considerado um processo de conhecimento progressivo. Uma contemplação do discurso como processo eliminador de frases erradas revela que o termo "errado" é relativo ao estágio do discurso. Uma frase é errada apenas naquele estágio do discurso no qual é revelada como tal pelo discurso. Num dado momento do discurso todas as frases discursadas são certas, no sentido de discursíveis. Há frases rapidamente eliminadas pelo discurso, e estas podem ser chamadas de "obviamente erradas". Há outras que exigiram, se vistas historicamente, argumentos complexos para serem eliminadas. E há outras que continuam sendo discursadas. Estas são as chamadas frases certas até que possam ser eliminadas como erradas. A tendência do discurso é a de discursar frases certas até desvenda-las como sendo erradas. Essa tendência pode ser chamada de "dúvida", e o discurso como um todo pode ser chamado de processo de dúvida progressiva. A meta desse processo é a eliminação de todas as frases. O pensamento é portanto um processo negentropico, porque elimina ruídos e aumenta informações, e é um processo eliminador, porque tende a esgotar-se. Em outras palavras: o pensamento é um processo negador e negativo. Aquilo que o pensamento nega é o nada que os nomes próprios significam. O pensamento é um processo negador do nada.

As frases certas individuais, as quais, em sua totalidade, perfazem o conjunto do discurso num dado momento, são os estágios individuais dessa negação do nada. Toda frase certa individual estabelece, nessa negação, uma situação de realidade, e em seu conjunto, isto é como discurso de um dado momento, estabelecem um cosmos. Chamarai de "realidade" o conjunto de todas as situações estabelecidas por frases certas. "Realidade" passa a ser um conceito relativo a um discurso, e a um dado momento desse discurso. A nossa realidade é diferente da realidade do discurso andamanês, e diferente da realidade do século 19. É diferente da realidade andamanesa, porque as nossas frases estabelecem situações de estrutura diferente. É diferente da realidade do século 19, porque várias frases foram eliminadas como erradas pelo nosso discurso. Um outro aspecto do mesmo processo é que frases estabelecem eus. Os eus são como que os pontos imaginários no campo do pensamento nos quais frases se cruzam. Podemos conceber o pensamento como o campo no qual frases se cruzam em eus, ou, mutatis mutandis, como o campo no qual eus são ligados por frases. Neste aspecto o pensamento se revela como conversação entre eus. "Tu" passa a ser um conceito relativo à conversação, isto é eu sou porque penso, e sou como sou, porque converso como converso. Em outras palavras realizo-me conversando. Se reúno os dois aspectos do discurso sinteticamente, posso dizer que eu sou porque realizo um cosmos em conversação com outros eus. Em outras palavras: eu estou aqui como negação do nada e encontro-me, ao me encontrar, em circunstância que consiste de situações negadoras do nada. Visto sob este prisma é o nada sinônimo da morte, porque a morte é, para mim, o que o nada é para o nome próprio, a saber o ulterior significado. Eu estou aqui como negação da morte e é conversando que nego a morte. A conversação é minha resposta negadora à morte. A conversação é minha imortalidade. Por ser a morte o ulterior significado dos eus, e ela, sob este

aspecto, (o aspecto existencial), a mola que propela o discurso. Reformulando: o discurso, se visto formalmente, inicia-se no nome próprio que significa o nada, e, se visto existencialmente, inicia-se no eu que significa a morte. Em última análise nomes próprios se confundem com eus, e objetivismo se confunde com subjetivismo.

O pensamento como campo no qual ocorrem frases que estabelecem situações de realidade e eus, isto é como campo de negação do nada, pode ser comparado a um sistema fluvial que brota de inúmeras fontes, reúne essas influências tributárias em vários rios, e ramifica os cursos desses rios em vários braços. Chamei as fontes "de mitos", a força que as faz brotar de "poesia", as influências tributárias de "versos", os vários rios de "crítica prosaizante", e os vários braços de "argumentos". Os mitos são a maneira como a parecem no pensamento os nomes próprios originalmente. Esses nomes próprios estabelecidos pela força poética dos mitos são o assunto a ser conversado. São eles o ponto culminante no qual se inicia o declive do discurso. Os nomes próprios estabelecidos nos mitos são aquilo do qual se duvida. A dúvida se inicia nos nomes próprios míticos e se realça pela sua predicação progressiva. O resultado da dúvida nos mitos é de um lado um cosmos, e do outro lado os eus. Os nomes próprios que aparecem nos mitos vibram em simpatia com o nada do qual surgiram e o qual significam. Essa vibração é o que chamamos de "verdade". Em outras palavras: verdade é a relação entre o nome próprio que aparece no mito e aquilo que o nome próprio significa. A verdade não é pensável, porque anterior ao pensamento, embora seja uma qualidade do pensamento. Com efeito, a verdade é a qualidade poética do pensamento. A primeira predicação desses nomes próprios que aparecem nos mitos resulta em frases chamadas "versos". Versos são frases que tem por sujeito um nome próprio primordial estabelecido por um mito. O verso é uma frase original, e neste sentido verdadeira, porque em vibração simpática com o não articulado. "Verdade" e "originalidade" são sinônimos portanto. A dúvida, que é o declive do discurso, submete essas frases originais e verdadeiras a uma crítica progressiva, ao transformá-las em frases certas, com o fito de eliminá-las como frases erradas. Alguns versos podem ser eliminados rapidamente, pela crítica, já que esta pode demonstrar pela conversão do verso em prosa não terem sido originais esses versos. A crítica pode provar a inautenticidade do verso, isto é sua falsidade. A falta de originalidade é sinônimo de falsidade. Versos falsos não dão origem a um discurso no sentido estrito do termo. Outros versos não podem ser exauridos tão rapidamente. São aqueles que brotam de autênticos mitos. A autenticidade de um verso pode ser medida pela extensão do discurso que inicia. Dada a continuidade do discurso, alguns versos se revelaram, até agora, como sendo inexauríveis. Com efeito: os mitos dos quais esses versos brotaram são os assuntos do nosso discurso, e estabeleceram aquilo que chamamos "realidade" e dentro do qual nós nos encontramos. Estamos aqui em virtude desses mitos. E dada a nossa abertura para a morte, estamos em contacto com esses mitos desfechantes de duas maneiras. Pelo método discursivo, já que os mitos estabeleceram a nossa realidade. E pelo método instropectivo, já que os mitos estão "anwesend" (presentes) nessa nossa vacuidade chamada morte. O método instropectivo, que é o mergulho nessa nossa vacuidade, é a poesia. Pela poesia entramos em contacto imediato com os mitos que nos estabeleceram. Pela poesia retomamos contacto com a verdade. Nessa solidão na qual encaramos a

morte e mito se estabelece sempre de novo. Pela poesia retomamos contacto com as nossas fontes. A nossa realidade é absurda, no significado literal desse termo, a saber "afastada das raízes".

Na solidão da poesia redescobrimos as raízes e superamos o absurdo. Neste contexto chamo a atenção dos senhores sobre o conceito da "música" no conjunto do pensamento schopenhaueriano. Voltarei mais tarde para esse conceito. Essa nossa vacuidade da morte permite que sempre voltemos, que renovemos o discurso, que evitamos que estagne. A morte é a inspiração constante disso. Continuamos pensando, porque continuamos negando a morte. E negamos a morte ao encara-la, ao inclui-la em todo instante. Este enfrentar e negar a morte é sinônimo da poesia. Enfrentando e negando a morte evitamos a prosaização do discurso. Evitamos o absurdo. Aquilo que se nos apresenta ao encararmos e negarmos a morte, aquilo que se nos apresenta no momento da inspiração poética, é a verdade, e essa verdade tem o clima do enigma. O verso que se estabelece em nós e por nós no momento da inspiração poética tem uma dupla qualidade, e essa dupla qualidade faz com que seja enigmática o verso. De certa forma reconhecemos o verso como sendo nosso, e de certa forma não o reconhecemos como sendo nosso. Aquilo que é nosso no verso é o discurso do qual participamos. Aquilo que não é nosso no verso é a sua vibração com o nada. Essa qualidade enigmática do verso é o seu significado. A crítica que vai converter o verso em prosa vai exaurindo a qualidade enigmática do verso. A conversação é uma explicação de enigmas. A conversação é um decifrar de versos. Os versos são as cifras que a conversação decodifica. Toda a informação do discurso já está contida nas cifras que são os versos. A conversação, ao decifrar esses versos, desfaz essa informação em forma de cosmos e de eus. Explana, prosaiza a informação, e "prosa" vem de "prorsus" (plano). O declive da conversação é a explicação de enigmas, e sua meta é um estágio no qual não há enigmas. A falta de enigma é sinônimo do absurdo. A meta da conversação é o absurdo: A existência existe num declive que se inicia no enigma e aposta o absurdo. A conversação mais rigorosa e que progride mais rapidamente é atualmente a conversação das ciências da natureza. Consideremos essa conversação no presente contexto. Tomarei por base o recente livro do prof. Leonidas e direi o seguinte: as ciências da natureza são uma conversação que consiste de explicação de vários tipos. As explicações dedutivas e probabilísticas caracterizam o ramo chamado "física", as teleológicas o ramo chamado "biologia", e as genéticas o ramo chamado "ciências sociais", embora essa classificação não seja obviamente rigorosa. Podemos discordar dessa catalogação, como eu efetivamente discordo, mas como base do argumento ela serve. O assunto da conversação que são as ciências naturais é o mesmo, a saber determinados versos articulados por determinados mitos. No presente contexto talvez seja preferível chamar esses versos de "observações", desde que mantenhamos em mente que "observação" é uma situação real inicial pré-figurada pelo mito. Por serem versos, são as frases observacionais frases verdadeiras, a não ser que sejam desmascaradas, pela crítica, como inautênticas, isto é falsas. Por exemplo: a frase observacional "vi um centauro" é falsa, porque contém um nome próprio já conversado e eliminado como fazendo parte de uma situação errada. Mas essa frase observacional era verdadeira em outro contexto, em realidade diferente. Não sendo original no presente contexto, é eliminada. A frase observacional "vi um traço de próton" é aceita como verdadeira, por ser um verso

original decorrente de um mito vigente. Em outro contexto poderá ser recusada como falsa. Mas há uma coisa curiosa. A minha coveira sagaz tomou como verdadeira essa frase observacional, mas a sua tendência será de duvidar desse frase e explana-lo, e fim de eli- miná-la como errada. Esse é pois o ponto de partida da conversa- ção chamado "ciências da natureza". Tomar como verdadeiras as fra- ses observacionais e duvidar delas, é o que se chama a ambivalên- cia da ciência como argumento empírico e racional ao mesmo tempo. Como já tratei dessa dificuldade, e como ela é justamente uma das fontes da filosofia da língua, não tratarei dela no presente con- texto. De acordo com o prof. Leonidas posso duvidar do verso "vi um traço de próton" de quatro maneiras. Posso perguntar "por que" de duas maneiras, e assim surgirá o mundo da física, por exemplo. Posso perguntar "para que" e assim surgirá o mundo da biologia. Posso perguntar "como assim" e assim surgirá o mundo da sociologia. Como vêm os senhores, as diversas ciências não se distinguem pelo assunto, mas pelo método de duvidar do assunto e de procurar expli- cá-lo. A mesma situação original, no nosso caso a situação estabele- cida pela frase "observacional" "vi um traço de próton" pode origi- nar um argumento físico, biológico, sociológico, e, (acrescento eu) toda uma série de outros argumentos. Em outras palavras: toda ciên- cia explica toda a realidade estabelecida pelos nossos mitos, embo- ra cada ciência individual o faça à sua maneira. Toda ciência indi- vidual decifra a informação contida nos versos originais, embora ca- da ciência individual o faça à sua maneira. Decifrado o verso, e explanada a informação nele contida, desaparece o enigma original e surge o absurdo. Toda ciência individual é um argumento destinado a explicar a informação cifrada no verso, transformando o clima ori- ginal enigmático em clima final absurdo. Em outras palavras: toda ciência individual é uma interpretação dos versos originais desfecho- tes de realidade. Pois bem: sendo os versos originais frases que têm por sujeitos nomes próprios, podem ser esses versos interpretados de maneiras infinitamente diversas. Há uma infinidade de explicações possíveis da realidade estabelecida por esses versos. As ciências da natureza representam apenas três ou quatro realizações entre essa gama infinita de possibilidades. Como toda ciência individual expli- ca a realidade toda, temos a impressão errônea de ser essa a explica- ção definitiva. Mas essa pretensão ao absolutismo que toda ciência in- dividual reclama é desmentida pelos argumentos das demais ciências e outras disciplinas discursivas. Se damos crédito a essa pretensão, caímos naquelas cosmovisões, ("Weltanschauungen") absolutistas como o são o mecanicismo, o biologismo, o psicologismo e o socialismo. Mas se mantermos em mente a pluralidade das interpretações, esses absolu- tismos em conflito deixam de amedrontar-nos. Estaremos em situação de tolerância comparável a do iluminismo que comparava os dogmas das diversas religiões para livrar-se de todo os dogmas. Penso especial- mente em "Nathan o Sábio" de Lessing. A pluralidade das ciências, ca- da uma reclamando para si o domínio absoluto como "a interpretação" da realidade, é uma prova vivencial da impropriedade da pretensão de ciência como um todo de ser "a interpretação adequada" da realidade. Visto sob este ângulo, torna-se menos terrificante o estágio atual do argumento científico que caracteriza de forma tão marcante a situa- ção na qual nos encontramos. É verdade que alguns entre os argumentos científicos, e mais especialmente aquele chamado "mecânica", atingiram um alto grau interpretativo e criaram em seu redor aquele clima do absurdo tão conhecido nosso. As situações de realidade secundárias que estes argumentos evoluídos estabeleceram em nosso redor, e que são carac-

terizadas pelo termo "instrumento", são efetivamente situações pro saicas que ameaçam fazer esgotar o assunto do discurso. Mas não passem de umas poucas entre as infinitas interpretações possíveis. O mundo tecnológico que nos cerca é apenas uma entre as infinitas realizações possíveis dos nossos mitos. Se neste nível de interpretação o argumento parece querer esgotar-se, isto não significa necessariamente o esgotamento do discurso. Significa apenas que a ciência da natureza como argumento explanador e interpretador da nossa realidade tende a esvaziar-se de interesse existencial e que esse interesse tende a transferir-se para outros níveis interpretativos. Estamos num estágio do nosso discurso, no qual há uma transferência de interesse. É óbvio que essa transferência de interesse acarreta uma transvalorização dos valores. O dilema da nossa situação reside no fato de estarem os valores tradicionais quase esvaziados, sem termos, até agora, conseguido substituí-los por outros. Mas a inexauribilidade dos nossos mitos desfecantes, e a nossa possibilidade de entrarmos sempre em contacto com eles pela poesia, parece garantir que a transferência poderá dar-se.

Não pretendo, com estas considerações, negar a dramaticidade do momento. É óbvio que o presente momento exige de cada um de nós o confronto com a morte a todo instante. O que pretendo é apenas mostrar porque o pessimismo desesperado dos pensadores existenciais se me afigura injustificado. O existencialismo é um estágio naquele discurso chamado "civilização ocidental" condicionado pelo clima de absurdo que cerca os argumentos avançados das ciências da natureza e seus instrumentos. Mas creio ser um estágio superável e, com efeito, em vias de ser superado. A confluência que se delimita atualmente entre a filosofia da língua formal, e a filosofia existencial, que é, no fundo, também uma filosofia consciente da língua, representa a meu ver, um dos sintomas mais promissores dessa superação possível.

Terão notado os senhores, que dediquei esta exposição a um resumo das posições até agora assumidas. Não cumpri a promessa de considerar Schopenhauer, e relego essa discussão para oportunidades futuras. Com efeito, alcançamos hoje, no nosso argumento, um ponto culminante. Dou as bases do meu pensamento como expostas. No decorrer futuro deste curso proponho a aplicação dessas bases àquela realidade chamada "história do pensamento". Proponho, em outras palavras, que iniciemos doravante a discussão do nosso pensamento "in concreto". Como primeiro estágio proponho a discussão do pensamento judeu, tal como ele continua agindo atualmente como força plasmadora da nossa realidade e dos nossos eus.